

VIOLÊNCIA NO TRABALHO E SÍNDROME DE BURNOUT NA ENFERMAGEM: IMPACTOS DA AGRESSÃO VERBAL, ASSÉDIO E DESVALORIZAÇÃO NA SAÚDE MENTAL

Mário Estevam Barbosa¹;

¹Unopar (UNOPAR), Recife, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/3140504133655918>

Ana Tércia Amaral Ferreira Lima²;

²Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/2750434165588974>

Rosana Beatriz Pereira Rodrigues³;

³Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/1221751772682823>

Waldelourdes de Melo Souto Maior Vieira⁴;

⁴Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/6296303870069694>

Miriam Batista de Moura⁵;

⁵Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/2429922986607996>

Roselania Albina de Lima Santos⁶;

⁶Centro Universitário São Miguel (UNISÃO MIGUEL), Recife, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/0467066371654250>

Fabricia Nunes de Sena Silvestre⁷;

⁷Fac. de V. Nova do Imigrante (FAVENI), V. Nova do Imigrante, Espírito Santo

<http://lattes.cnpq.br/4277256961394940>

Elaine da Silva Lopes Lima⁸;

⁸Faculdade de Teologia Integrada (FATIN), Igarassu, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/5301277331757519>

Aldenice Felix Teti⁹;

⁹Unopar (UNOPAR), Recife, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/3246773342900482>

Cristiane Ferreira Alves¹⁰;

¹⁰Fac. de Comu. Tec. e Turismo de Olinda. FACOTTUR), Olinda, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/2728459486752065>

Aldineide Ferreira de Castro¹¹;

¹¹Unopar (UNOPAR), Recife, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/7968485611887884>

Patrícia Nunes dos Santos¹².

¹²Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco.

<http://lattes.cnpq.br/0999788286143349>

ÁREA TEMÁTICA: Saúde, Qualidade de Vida e Bem-Estar no Serviço Público.

RESUMO: A violência no trabalho contra profissionais de enfermagem constitui importante fator de adoecimento mental e desgaste ocupacional, especialmente diante da sobrecarga assistencial, baixa autonomia, desvalorização profissional e fragilidade institucional. Este estudo teve como objetivo analisar os impactos da violência laboral na saúde mental da enfermagem, com ênfase na agressão verbal, no assédio moral e na desvalorização profissional. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura brasileira publicada entre 2022 e 2026, nas bases Google Scholar, Elsevier e PubMed, com seleção de estudos originais sobre violência e saúde mental entre trabalhadores de enfermagem no Brasil. A busca resultou em 362 registros. Após triagem, leitura integral e aplicação dos critérios de elegibilidade, 20 artigos compuseram a amostra final. Os achados indicaram elevada prevalência de agressões verbais, assédio moral, violência psicológica e práticas de intimidação, associadas a ansiedade, depressão, insônia, medo, irritabilidade, transtornos mentais menores, estresse pós-traumático, redução da satisfação profissional e burnout. Conclui-se que o enfrentamento institucional da violência laboral é essencial para proteger a saúde mental e a qualidade de vida no trabalho da enfermagem.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Violência no trabalho. Saúde mental.

WORKPLACE VIOLENCE AND BURNOUT SYNDROME IN NURSING: IMPACTS OF VERBAL AGGRESSION, HARASSMENT, AND PROFESSIONAL DEVALUATION ON MENTAL HEALTH

ABSTRACT: Workplace violence against nursing professionals constitutes an important factor in mental illness and occupational exhaustion, especially in contexts marked by care overload, low autonomy, professional devaluation, and institutional fragility. This study aimed to analyze the impacts of workplace violence on the mental health of nursing professionals,

with emphasis on verbal aggression, workplace bullying, and professional devaluation. An integrative review of Brazilian scientific literature published between 2022 and 2026 was conducted in Google Scholar, Elsevier, and PubMed, selecting original studies on violence and mental health among nursing workers in Brazil. The search resulted in 362 records. After screening, full-text reading, and application of eligibility criteria, 20 articles composed the final sample. The findings indicated a high prevalence of verbal aggression, workplace bullying, psychological violence, and intimidation practices, associated with anxiety, depression, insomnia, fear, irritability, minor mental disorders, post-traumatic stress, reduced professional satisfaction, and burnout. It is concluded that institutional measures to address workplace violence are essential to protect mental health and quality of working life in nursing.

KEYWORDS: Nursing. Workplace violence. Mental health.

INTRODUÇÃO

A enfermagem ocupa posição estratégica na organização dos serviços de saúde, pois participa diretamente do cuidado contínuo, do acompanhamento dos usuários, da execução de procedimentos, da comunicação com familiares e da articulação com equipes multiprofissionais. Essa atuação, embora essencial para a qualidade da assistência, expõe os profissionais a intensas demandas físicas, emocionais, cognitivas e relacionais, especialmente em ambientes marcados por sobrecarga, baixa autonomia, insegurança no trabalho, fragilidade do apoio institucional, conflitos interpessoais e pouco reconhecimento profissional (Pousa; Rodrigues; Lucca, 2026).

Entre os agravos relacionados ao trabalho, a Síndrome de Burnout ocupa lugar central na discussão sobre o desgaste ocupacional da enfermagem. Essa síndrome envolve exaustão emocional, distanciamento afetivo em relação ao trabalho e redução da realização profissional, geralmente associados à exposição prolongada a estressores crônicos presentes no ambiente laboral (Jarruche; Mucci, 2021). Na enfermagem, esses estressores podem ganhar maior intensidade diante da sobrecarga assistencial e pressão associada a profissão.

A pandemia de COVID-19 ampliou a visibilidade desse problema ao intensificar as demandas assistenciais, reorganizar fluxos de atendimento e aumentar a exposição dos trabalhadores ao medo, à insegurança, ao sofrimento emocional e à violência nos serviços de saúde (Olimpio et al., 2025). Esse cenário evidenciou que a violência laboral não representa apenas um episódio isolado, mas um fenômeno articulado às condições estruturais, organizacionais e relacionais do trabalho em saúde.

A violência no trabalho contra profissionais de enfermagem manifesta-se de diferentes formas, incluindo agressão verbal, assédio moral, violência psicológica, ameaças, desqualificação profissional e, em alguns casos, violência física ou sexual (Santos et al.,

2021). Entre essas manifestações, a agressão verbal e o assédio moral merecem destaque por sua frequência, por sua tendência à naturalização no cotidiano dos serviços e por seus efeitos sobre a saúde mental dos trabalhadores

Diante desse panorama. A análise dessas experiências é necessária porque permite compreender como a violência no trabalho impacta a saúde mental da enfermagem e quais fatores institucionais favorecem sua manutenção nos serviços de saúde

OBJETIVO

Analisar os impactos da violência no trabalho na saúde mental dos profissionais de enfermagem, com ênfase na agressão verbal, no assédio moral e na desvalorização profissional, a partir da literatura científica brasileira publicada entre 2022 e 2026, a fim de compreender como essas experiências contribuem para o sofrimento psíquico, a ansiedade, a depressão, o burnout e a redução da qualidade de vida no trabalho.

METODOLOGIA

O presente estudo realizou uma revisão integrativa da literatura, que é uma modalidade de pesquisa bibliográfica capaz de sintetizar evidências provenientes de estudos quantitativos e qualitativos por meio de uma busca sistemática, categorização e análise temática dos achados.

Na classificação, trata-se de um estudo quali-quantitativo de natureza aplicada, com objetivos exploratórios-descritivos. Quanto aos procedimentos, consiste em pesquisa bibliográfica, realizada por meio de revisão integrativa.

As buscas foram realizadas nas bases Google Scholar, Elsevier e PubMed, entre janeiro de 2022 e maio de 2026. Utilizaram-se os descritores “enfermagem”, “violência no trabalho”, “agressão verbal”, “assédio moral”, “burnout”, “ansiedade”, “depressão” e “qualidade de vida no trabalho”, em português e inglês, combinados com operadores booleanos AND/OR

Como critérios de inclusão foram escolhidos estudos originais publicados entre 2022 e 2026, Open acess, que o escopo definido no objetivo entre trabalhadores de enfermagem no Brasil. Foram excluídos editoriais, cartas, dissertações, revisões de escopo, estudos que não envolvessem profissionais de enfermagem, pesquisas fora do período definido ou sem dados de violência e saúde mental, além de duplicatas entre bases.

Todas as referências recuperadas foram gerenciadas em planilha eletrônica. Após a leitura de títulos e resumos, os estudos potencialmente elegíveis foram lidos na íntegra. Não houve necessidade de aprovação ética por tratar-se de levantamento de dados secundários em domínio público.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A busca nas bases resultou em 362 registros, sendo 230 registros no Google Scholar, 80 no Elsevier e 52 no PubMed. Após a exclusão de 59 duplicatas, permaneceram 303 registros únicos para triagem de títulos e resumos. Destes, 240 estudos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão, os 44 artigos remanescentes foram lidos integralmente. 26 foram excluídos por apresentarem desenhos de revisão, não disponibilizarem resultados de violência e saúde mental ou por estarem fora do período delimitado. Assim, 18 artigos compuseram a amostra final.

Tabela 1 – Resultados obtidos a partir da metodologia.

AUTOR	TÍTULO	ANO
Fabri et al.	Violência laboral e qualidade de vida profissional entre enfermeiros da atenção primária	2022
Trindade et al.	Assédio moral entre trabalhadores brasileiros da atenção primária e hospitalar em saúde	2022
Leite e Silva	Assédio moral: ocorrências nas relações de trabalho da enfermagem	2022
Trindade et al.	Agressão verbal contra profissionais de saúde da atenção primária e terciária: estudo de métodos mistos	2022
Gusso e Lourenço	Violência contra profissionais de saúde durante a pandemia do coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2	2022
Andrade, Monteiro e Rodrigues	Trabalho de cuidado, gênero e violências: estudo com técnicos/as de enfermagem	2022
Sé et al.	Violência no trabalho na perspectiva dos enfermeiros do atendimento pré-hospitalar móvel	2023
Sé et al.	Consequências da violência contra enfermeiros no contexto do atendimento pré-hospitalar	2023
Duarte, Camargo e Soares	Violência no trabalho de profissionais de enfermagem na Estratégia Saúde da Família	2023
Campos, Souza e Alves	Violência no cotidiano de trabalho dos profissionais de saúde de uma unidade de pronto atendimento	2023
Dantas et al.	Prevalência e fatores associados à violência no trabalho contra residentes multiprofissionais durante a pandemia	2023
Uzeda et al.	Vivências e consequências do assédio moral no trabalho entre profissionais de enfermagem	2024
Magalhães, Souza e Ribeiro	A relação entre violência no trabalho, ansiedade e depressão em trabalhadores da enfermagem durante a pandemia de COVID-19	2025
Olimpio et al.	Violência laboral em meio à pandemia da COVID-19 na atenção primária no Ceará	2025
Rodrigues et al.	Prevalência da violência contra profissionais de saúde durante a pandemia de COVID-19	2025
Jesus et al.	Prevalência e fatores associados aos transtornos mentais menores em profissionais de enfermagem de pronto atendimento	2025
Pimenta et al.	Violência no trabalho vivenciada por profissionais de enfermagem da Rede de Atenção à Saúde: estudo transversal	2026

Silva et al.	Violência ocupacional no campo da enfermagem durante a pandemia: uma análise de redes	2026
---------------------	---	------

Fonte: Os autores

Os estudos analisados apontam elevada prevalência de violência no trabalho da enfermagem, especialmente na forma verbal. Em unidades básicas de saúde, Fabri et al. (2022) identificaram que 65,3% dos enfermeiros sofreram agressão verbal, 29,7% relataram assédio moral e 17,8% vivenciaram violência física. Nas mesmas regiões, Trindade et al. (2022b) observaram que 47,4% dos trabalhadores de saúde sofreram pelo menos um episódio de agressão verbal.

Quando o recorte inclui trabalhadores de nível médio, Leite e Silva (2022) mostraram que 79% foram alvo de agressões verbais repetidas e humilhações, como críticas públicas e instruções confusas. Esses achados sugerem que a exposição recorrente à agressão verbal e ao assédio moral agrava o sofrimento psíquico, sobretudo entre profissionais com menor autonomia e maior subordinação hierárquica.

Essa relação também precisa ser compreendida a partir do burnout, pois a repetição de agressões, humilhações e práticas de desvalorização tende a produzir esgotamento emocional, perda de motivação e redução da realização profissional. Embora Fabri et al. (2022) não tenham identificado associação estatística direta entre todos os tipos de violência e burnout, os autores observaram relação entre assédio moral, violência física, estresse pós-traumático e prejuízos na qualidade de vida profissional.

Assim, o burnout pode ser interpretado como resultado de um processo cumulativo de desgaste, no qual violência, sobrecarga e desvalorização reduzem progressivamente a capacidade de recuperação emocional do trabalhador.

Nos serviços de urgência, emergência e atendimento pré-hospitalar, a violência assume maior gravidade em razão da pressão assistencial, da imprevisibilidade dos atendimentos e da sobrecarga dos serviços. Sé et al. (2023a) destacaram que enfermeiros do atendimento pré-hospitalar vivenciam violência física, verbal, psicológica e sexual, sendo a agressão verbal frequentemente naturalizada como parte da cultura do serviço.

Em estudo complementar, Sé et al. (2023b) identificaram consequências como medo, ansiedade, insônia e irritabilidade. Esses achados indicam que a violência não representa apenas um risco imediato durante a assistência, mas também um fator de desgaste emocional contínuo, capaz de comprometer a saúde mental, a permanência no trabalho e a relação subjetiva do profissional com o cuidado.

Nas Unidades de Pronto Atendimento, Campos et al. (2023) verificaram que a violência estava associada a longos tempos de espera, falta de leitos e restrição de acompanhantes, com predomínio das agressões verbais sobre as físicas. Esses resultados dialogam com Sé et al. (2023a; 2023b), pois indicam que a violência nos serviços de

urgência e emergência não decorre apenas da atitude individual dos usuários, mas também das fragilidades estruturais do sistema de saúde.

Nesse contexto, o profissional permanece exposto a cobranças constantes, mas com baixa capacidade de resolver os problemas que geram insatisfação nos usuários. Essa contradição favorece exaustão emocional, sensação de impotência e distanciamento afetivo do trabalho, dimensões diretamente relacionadas ao burnout.

A pandemia de COVID-19 ampliou a exposição dos trabalhadores aos riscos biológicos e psicossociais. Olímpio et al. (2025) registraram que 49% dos trabalhadores da Estratégia Saúde da Família no Ceará sofreram violência, sendo 89% das vítimas mulheres, a agressão verbal foi a forma mais frequente, seguida de assédio moral, assédio sexual e violência física.

Rodrigues et al. (2025) identificaram prevalência ainda maior, com 76,4% dos profissionais de saúde vítimas de violência, sendo a violência verbal presente em 95,5% dos casos e o assédio sexual em 12,8%. A subnotificação, que atingiu 79,5%, revela que muitos episódios não chegam às instâncias formais de registro, o que favorece a naturalização da violência e a manutenção do sofrimento sem reconhecimento institucional.

A predominância de mulheres entre as vítimas também demonstra que a violência laboral precisa ser interpretada à luz das desigualdades de gênero, da desvalorização histórica do cuidado e da posição social da enfermagem nos serviços de saúde. Gusso e Lourenço (2022), ao analisarem a mídia digital durante a crise sanitária, mostraram que a violência contra profissionais de saúde também esteve associada ao medo social, à desinformação e à insatisfação de usuários e acompanhantes. Assim, a pandemia não criou a violência contra a enfermagem, mas intensificou e tornou mais visível um problema já presente no cotidiano dos serviços.

Os estudos mais recentes ampliam a compreensão da violência como fenômeno institucional, cultural e simbólico. Pimenta et al. (2026) mostraram que quase metade dos profissionais de enfermagem da Rede de Atenção à Saúde sofreu violência, com predominância da agressão verbal, presente em 48% dos casos, além de associação entre agressão verbal e perda de satisfação no trabalho.

Silva et al. (2026), ao analisarem dados de 2.188 trabalhadoras por meio de análise de redes, identificaram como variáveis de maior impacto a pressão para não reivindicar direitos, comentários ofensivos, gritos e sinais de que a trabalhadora deveria pedir demissão. Esses achados indicam que a violência não ocorre apenas em episódios explícitos de agressão, mas também em práticas institucionais de intimidação, silenciamento e desvalorização profissional.

O assédio moral aparece como uma dimensão importante dessa dinâmica. Trindade et al. (2022a) demonstraram que ser enfermeiro ou técnico de enfermagem, possuir doença crônica, sentir pouco reconhecimento profissional, dormir menos horas e apresentar maior

preocupação com a violência aumentaram a probabilidade de vivenciar bullying no trabalho.

Esses achados aproximam a violência laboral da organização hierárquica do trabalho, pois Leite e Silva (2022) também identificaram maior vulnerabilidade entre auxiliares e técnicos de enfermagem, segmentos que ocupam posições mais subordinadas e possuem menor autonomia para reagir a abusos, denunciar agressões ou modificar condições laborais. Dessa forma, menor reconhecimento, menor autonomia e maior exposição a humilhações formam um conjunto de fatores que favorece o adoecimento e intensifica dimensões do burnout, como exaustão emocional e baixa realização profissional.

Outros estudos reforçam a relação entre violência, sofrimento psíquico e vulnerabilidade ocupacional. Dantas et al. (2023), em pesquisa com residentes multiprofissionais durante a pandemia, observaram associação entre violência, maior idade e ansiedade moderada ou grave, indicando que o contexto formativo e o estado emocional do trabalhador também interferem na exposição e nos efeitos da violência.

Jesus et al. (2025), ao investigarem transtornos mentais menores em profissionais de enfermagem de pronto atendimento, identificaram que assédio moral e violência psicológica aumentaram significativamente a chance de adoecimento mental, enquanto ser enfermeiro, atuar em unidade intermediária e usufruir férias reduziram o risco. Esses resultados indicam que descanso, posição ocupacional e tipo de unidade podem funcionar como fatores de proteção ou de vulnerabilidade.

A associação direta entre violência e adoecimento psíquico também foi demonstrada por Magalhães, Souza e Ribeiro (2025), que identificaram violência predominantemente psicológica em 53,4% dos trabalhadores da enfermagem, com associação significativa com ansiedade e depressão. Embora ansiedade, depressão, transtornos mentais menores, estresse pós-traumático e burnout sejam categorias distintas, os estudos analisados indicam que esses agravos compartilham um mesmo terreno de vulnerabilidade: ambientes marcados por sobrecarga, agressões recorrentes, baixa autonomia, desvalorização e fragilidade institucional.

A desvalorização profissional aprofunda esse processo. Andrade et al. (2022) afirmam que precarização, terceirização e desigualdade de gênero tornam técnicos de enfermagem mais suscetíveis a humilhações e ameaças. Uzeda et al. (2024), por sua vez, descreveram situações de assédio moral vexatórias e agressivas, praticadas por chefias e pares, com efeitos sobre o ambiente de trabalho, a produtividade, a saúde e a vida social das vítimas. Esses achados demonstram que a desvalorização não constitui apenas uma questão simbólica, pois atinge dimensões centrais do burnout: aumenta a exaustão emocional, enfraquece a identidade profissional e reduz o sentimento de realização no trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o burnout precisa ser compreendido como uma das principais expressões do impacto da violência laboral na saúde mental dos profissionais de enfermagem. A agressão verbal, o assédio moral e a desvalorização profissional não atuam apenas como eventos isolados, mas como experiências repetidas que desgastam a energia emocional, fragilizam a identidade profissional e reduzem a satisfação no trabalho. Desse modo, o enfrentamento da violência laboral também representa uma estratégia de prevenção do burnout e de proteção da qualidade de vida no trabalho da enfermagem.

Os achados evidenciam que a violência não decorre apenas de conflitos individuais, mas também de condições organizacionais precárias, como sobrecarga, superlotação, falta de leitos, comunicação insuficiente, hierarquias rígidas, baixa autonomia e desvalorização do cuidado. Esse contexto amplia a vulnerabilidade de profissionais de nível médio, trabalhadores em posições subordinadas, mulheres e equipes inseridas em serviços críticos.

Quanto à saúde mental, a exposição contínua à violência favorece medo, ansiedade, insônia, irritabilidade, desmotivação, depressão, transtornos mentais menores, estresse pós-traumático e, especialmente, burnout. Nesse sentido, a violência laboral atua como um processo progressivo de desgaste emocional, pois intensifica a exaustão, reduz a satisfação no trabalho, fragiliza a identidade profissional e compromete a qualidade de vida laboral.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cristiane Batista; MONTEIRO, Inês; RODRIGUES, Natália Ramos. **Trabalho de cuidado, gênero e violências: estudo com técnicos/as de enfermagem**. Cadernos Saúde Coletiva, v. 30, n. 1, p. 77-84, 2022.

CAMPOS, Isabella Cristina Moraes; SOUZA, Moema Santos; ALVES, Marília. **Violência no cotidiano de trabalho dos profissionais de saúde de uma unidade de pronto atendimento**. Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 44, e20230001, 2023.

DANTAS, Eder Samuel Oliveira et al. **Prevalência e fatores associados à violência no trabalho contra residentes multiprofissionais durante a pandemia**. Saúde em Debate, v. 47, n. 136, p. 184-199, 2023.

DUARTE, Lúcia Rondelo; CAMARGO, Livia de Campos; SOARES, Nicole Trevisan. **Violência no trabalho de profissionais de enfermagem na Estratégia Saúde da Família**. Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, v. 48, e13, 2023.

FABRI, Natalia Violim et al. **Violência laboral e qualidade de vida profissional entre enfermeiros da atenção primária**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 35, eAPE0362345, 2022.

GUSSO, Amanda Khetleen; LOURENÇO, Rafaela Gessner. **Violência contra profissionais de saúde durante a pandemia do coronavírus da síndrome respiratória aguda grave**

2. Enfermagem em Foco, v. 13, e-202230, 2022.

JARRUCHE, Layla Thamm; MUCCI, Samantha. **Síndrome de burnout em profissionais da saúde: revisão integrativa**. Revista Bioética, v. 29, n. 1, p. 162-173, 2021.

JESUS, Suzicleia Elizabete de et al. **Prevalência e fatores associados aos transtornos mentais menores em profissionais de enfermagem de pronto atendimento**. Journal Health NPEPS, v. 10, n. 2, e14755, 2025.

LEITE, Jéssica Aparecida Ferreira; SILVA, Daniel Augusto da. **Assédio moral: ocorrências nas relações de trabalho da enfermagem**. Enfermagem em Foco, v. 13, e-202237, 2022.

MAGALHÃES, Ana Paula Nogueira de; SOUZA, Diego de Oliveira; RIBEIRO, Sônia Mafalda Pereira. **A relação entre violência no trabalho, ansiedade e depressão em trabalhadores da enfermagem durante a pandemia de COVID-19**. Revista Brasileira de Medicina do Trabalho, v. 23, n. 1, e20241337, 2025.

OLÍMPIO, Ana Caroline dos Santos et al. **Violência laboral em meio à pandemia da COVID-19 na atenção primária no Ceará**. Saúde em Debate, v. 49, n. especial 2, 2025.

PIMENTA, Maria Cecília Rodrigues et al. **Violência no trabalho vivenciada por profissionais de enfermagem da Rede de Atenção à Saúde: estudo transversal**. Cogitare Enfermagem, v. 31, e100850pt, 2026.

POUSA, Patrícia Carneiro Pessoa; RODRIGUES, Cássia Aparecida; LUCCA, Sérgio Roberto de. **Fatores de risco psicossociais na categoria de enfermagem de um hospital privado**. Saúde em Debate, v. 50, n. 148, e10799, 2026.

RODRIGUES, Josyenne Assis et al. **Prevalência da violência contra profissionais de saúde durante a pandemia de COVID-19**. Ciência, Cuidado e Saúde, v. 24, e71003, 2025.

SANTOS, Juliano dos et al. **Violências relacionadas ao trabalho e variáveis associadas em profissionais de enfermagem que atuam em oncologia**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 12, p. 5955-5966, 2021.

SÉ, Aline Coutinho Sento et al. **Violência no trabalho na perspectiva dos enfermeiros do atendimento pré-hospitalar móvel**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 33, e33046, 2023.

SÉ, Aline Coutinho Sento et al. **Consequências da violência contra enfermeiros no contexto do atendimento pré-hospitalar**. Enfermagem em Foco, v. 14, e-202353, 2023.

SILVA, Camila Lima et al. **Violência ocupacional no campo da enfermagem durante a pandemia: uma análise de redes**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 31, n. 2, 2026.

TRINDADE, Letícia de Lima et al. **Assédio moral entre trabalhadores brasileiros da atenção primária e hospitalar em saúde**. Acta Paulista de Enfermagem, v. 35, eAPE039015134, 2022.

TRINDADE, Letícia de Lima et al. **Agressão verbal contra profissionais de saúde da**

atenção primária e terciária: estudo de métodos mistos. Revista de Enfermagem da UFSM, v. 12, e15, p. 1-17, 2022.

UZEDA, Allana de Lacerda et al. **Vivências e consequências do assédio moral no trabalho entre profissionais de enfermagem.** Texto & Contexto Enfermagem, v. 33, e20240155, 2024.